

**FACES**  
**DA**  
**MENTE**

# FACES DA MENTE

Uma tentativa de aplicação das teorias do Neurocientista  
António R. Damásio para a compreensão da produção  
artística em Psiquiatria e Psicoterapia

Isac Germano Karniol e Patricia S. Lopes Karniol



Copyright 2013 © by Isac Germano Karniol e Patricia S. Lopes Karniol

Todos os direitos desta edição reservados à Zagodoni Editora Ltda.  
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja qual for o meio, sem a permissão prévia da Editora.

*Revisão:*  
Arlene Teggi

*Diagramação e capa:*  
Adriana S. Lopes

*Projeto gráfico:*  
Givaldo Fernandes

*Editor:*  
Adriano Zago

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

K28f

Karniol, Isac Germano

Faces da Mente. Uma tentativa de aplicação das teorias do neurocientista António R. Damásio para compreensão da produção artística em Psiquiatria e Psicoterapia / Isac Germano Karniol, Patricia S. Lopes Karniol. - 1. ed. - São Paulo : Zagodoni, 2013.

176 p. : il. ; 28 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-64250-66-6

1. Relação médico-paciente. 2. Arte-linguagem. 3. Psiquiatria - Tratamento. 4. Psicoterapia.  
5. Neurociências. 6. Saúde mental. I. Karniol, Patricia S. Lopes. II. Título.

13-00964

CDD: 615.85156

CDU: 615.851.7

[2013]

**ZAGODONI EDITORA LTDA.**

Rua Brigadeiro Jordão, 848

04210-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 2334-6327

contato@zagodonieditora.com.br

[www.zagodonieditora.com.br](http://www.zagodonieditora.com.br)

## AGRADECIMENTOS

**A**os pacientes com os quais compartilhamos o sofrimento e que muito nos transmitiram.

Aos nossos pais, que primeiro nos ensinaram que emoções, afeto e amor são indissociáveis das relações humanas.

A Adriana S. Lopes pelo apoio e dedicação somente possíveis numa pessoa muito sensível.



Vincere: Um Conto de Natal.....	9
Considerações Gerais .....	17
Introdução .....	19
Alguns Casos Clínicos.....	27
Quando o Inconsciente se Torna Consciente.....	37
A Eterna Procura (I).....	73
A Eterna Procura (II).....	157
Referências Bibliográficas .....	173

## VINCERE: UM CONTO DE NATAL



**D**ezembro de 2012. Maria Inês S. Parada (nome verdadeiro com sua aquiescência), como presente de Natal, me traz uma *Assemblage* à qual não tinha dado um título (Fig. 1). *Assemblage* é uma obra de arte escultural na qual diversos materiais são incorporados criando um novo conjunto tridimensional, sem que cada peça perca o sentido original.

Maria Inês é minha paciente há muito tempo. Ela relata sua consciência-inconsciência ao produzir o trabalho. Consciência porque queria transmitir fragilidade, uma força que nos mantém vivos. Inconsciência porque, à semelhança do falar, sabemos o assunto que estamos focalizando, mas as palavras deslancham automaticamente, ordenadas tanto ao sentido como gramaticalmente por mecanismos inconscientes. Aqui também as partes eram acrescentadas automaticamente, formando ao final um conjunto surpreendente.

Conversamos e associamos várias ideias e explicações sobre o conteúdo da obra. Ela explica que para fazê-la utilizou inicialmente uma taça de cristal quebrada, com os pedaços colados; também a tampa de um vidro de perfume francês que tinha se estilhaçado; o conjunto dessas duas peças sobrepostas formava uma figura quase humana, com o pescoço longilíneo se assemelhando ao de uma negra africana com vários colares. A este todo, que se assemelhava a um sino, foi acrescentada uma cruz egípcia (símbolo de vida eterna) formando um badalo pendurado, incapaz de produzir sons. No assoalho, essa cruz era reproduzida como um reflexo. Tudo isto era cercado por um

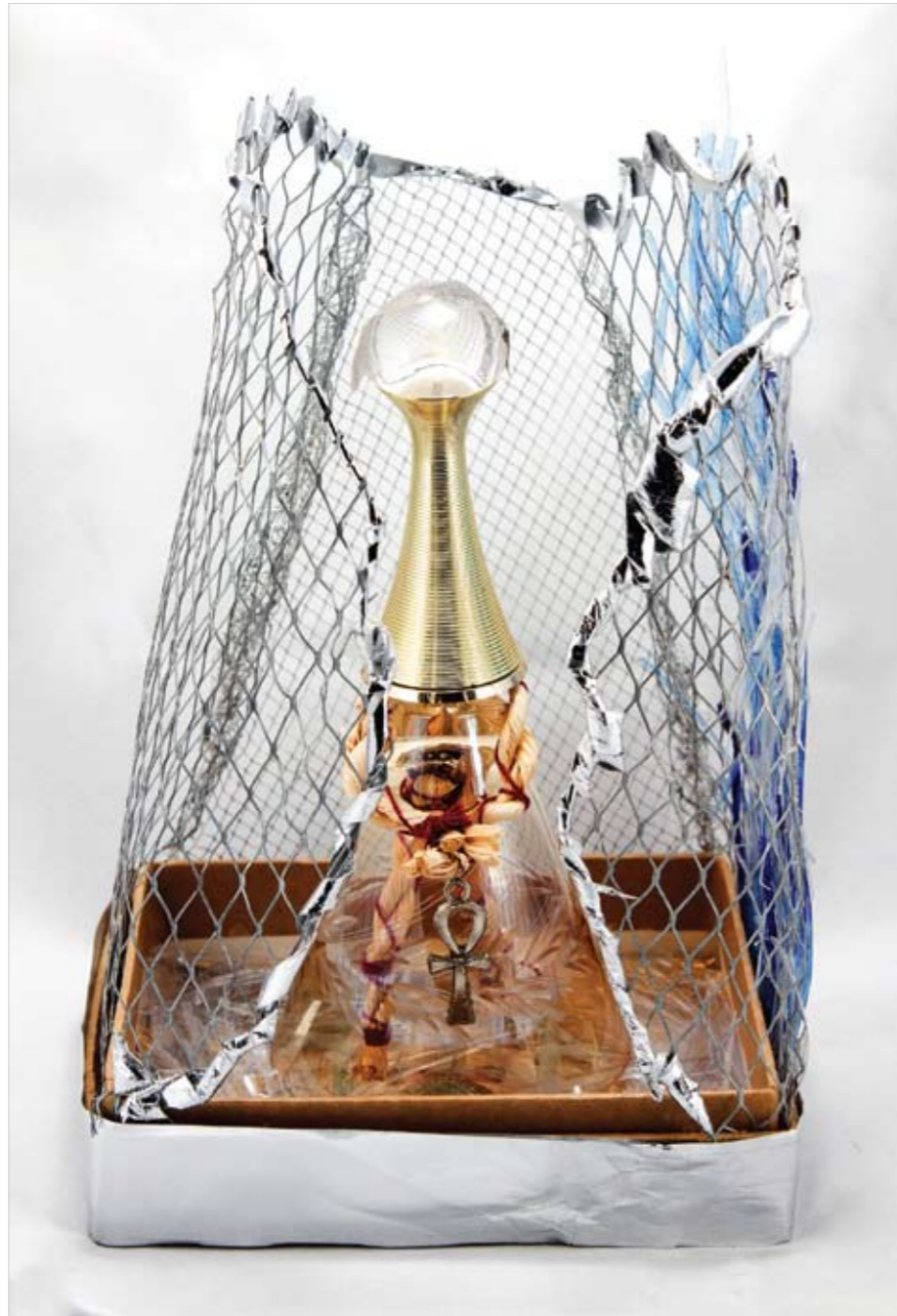


FIGURA 1

alambrado alto, uma cerca, que tinha uma abertura, uma saída. Agregado à grade foi acrescentado algo com tom azulado que simulava um glaciar da Patagônia (paredões imensos de gelo que se movem e se quebram ao chegar perto da margem de um lago produzindo grandes estrondos). Esta parede gelada parecia se derreter na base da escultura formando um lago, onde a cruz egípcia era refletida (Figs. 2 e 3). No interior desse conjunto existia uma frágil figura humana de palha que incrivelmente parecia sustentar tudo (Fig. 4). Finalmente, no topo da cabeça, formada pela tampa de perfume, Maria Inês acrescentou uma cópia de sua impressão digital, de sua identidade (Fig. 5).



FIGURA 2



FIGURA 3



FIGURA 4



FIGURA 5

Afinal, através da vida temos embates que podem nos despedaçar; procuramos remendá-los e providenciamos uma proteção, uma grade, que ao mesmo tempo nos aprisiona, mas impede que os cacos se espalhem. Ela não é totalmente fechada, existe um indício de liberdade, de procura de novos caminhos. Este alambrado é sustentado ou contém uma parede de gelo quebradiça, que de tempos em tempos também se despedaça e derrete num tom azulado produzindo um lago de lágrimas (Fig. 2).

Esta estrutura não se desagrega facilmente, pois tem uma figura frágil-forte no seu interior, de palha, provavelmente algo inconsciente ligado à preservação da vida. A cruz egípcia (vida eterna) estaria ligada à noção de que a vida continua, que existem renascimentos, que o Natal é real (Fig. 3).

Segundo Damásio, ao formar a mente, o nosso cérebro desenvolve sucessivas e concomitantes imagens (também chamadas mapas, cartografias) e disposições como as memórias (potencialidades que estimuladas também se representam). Somente uma ou algumas destas imagens chegam à consciência. Esses mapas ainda inconscientes, constantemente, de uma forma dinâmica e hierárquica, escaneiam tudo que está ocorrendo tanto no nosso corpo como no mundo externo. Estas instâncias planejam, comunicam-se e interagem tanto com o nosso corpo como com o mundo ao redor. Dentro da evolução, a mente formada pelo cérebro teria atingido no homem o seu máximo desenvolvimento, formando inclusive um *self* (si mesmo), a subjetividade, a linguagem, a noção da sua autobiografia e da existência do tempo.

Na sua obra, Maria Inês exhibe esta potencialidade humana, pois elaborou uma autobiografia simbólica, abstrata. Tudo indica que pela obra de arte o homem consegue atingir este patamar superior.

Patrícia S. L. Karniol, coautora deste livro, ao contemplar a escultura lembrou-se imediatamente de uma forma intuitiva do filme *Vincere*, de Marco Bellochio. Em particular de uma cena de Natal, onde a personagem Rachele é internada num manicômio para proteger a imagem de Benito Mussolini, de quem tinha sido amante e com quem teria tido um filho. O ditador no início de sua carreira política usou da ajuda econômica de Rachele para poder progredir. No poder, renegou tanto ela como o filho. Rachele não aceita a situação e acaba sendo internada num manicômio. Numa noite de Natal, depois de escrever inúmeras cartas pedindo ajuda, Rachele escapa para o pátio, sobe as grades e em desespero lança na neve as cartas, na esperança de que o destinatário, pai do seu filho, pudesse ser encontrado.

Maria Inês também com sua obra manda mensagens através das grades, procurando com os outros uma interação, uma reverberação para a sua sensibilidade.



Nesse mesmo final de ano, na véspera do Natal, numa praia do Litoral Paulista, nos deparamos com um filhote de cachorro que em desespero nos seguia no caminho para nossa casa; havia o perigo de ele ser atropelado ou morrer de fome, sede, naquele sol escaldante. Ao fecharmos o portão do prédio, o seu lamento se acentuou. Depois de dar-lhe água e comida, com o trânsito engarrafado, Patrícia e eu começamos a andar com ele à procura de um abrigo, quem sabe o dono, porque nos era impossível ficar com ele. Caminhamos muito. Nenhuma ajuda. Encontramos um lixeiro a quem prometemos uma recompensa, e ele se comprometeu a achar algum abrigo, ou alguém que ficasse com o filhote. Era necessário arrumar uma coleira... lojas fechadas, o caminhão de lixo precisando se locomover. Patrícia entra num *shopping* e tira uma fita vermelha dos enfeites natalinos, com ela faz um laço e o pequeno cão transformado num presente de Natal é colocado na boleia do caminhão.

Ficamos alguns dias apreensivos com o desfecho do caso. Reencontramos o lixeiro que informou ter encontrado uma senhora que adorava cachorros e, encantada com o filhote, resolveu adotá-lo. Outras pessoas confirmaram a mesma história. Era um verdadeiro milagre de Natal, não dos grandiosos, mas daqueles que nos dão esperança e um sentido para a nossa existência.

Juntamos este episódio, a obra de Maria Inês e as teorias de Damásio para concluir que nós, seres humanos, temos o privilégio de ter uma mente capaz de ter uma história, de planejar e atuar no sentido de propósitos.

Conversamos com Maria Inês e concluímos que *Vincere* seria um nome apropriado para a sua *Assemblage*. Não para comemorar a vitória do absolutismo, da rigidez mental e preconceituosa de uma mente como a de Mussolini, para quem esta palavra significava atropelar tudo para conseguir um objetivo. Aqui seria a vitória da mulher de palha, da sensibilidade, do amor, da generosidade que nós humanos podemos atingir e com isto contribuir para preservar a vida.

Este livro foi escrito com o mesmo propósito: o de procurar uma comunicação mais sensível entre os seres humanos, em particular na relação médico-paciente.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

“O mais curioso da consciência é a ausência de um maestro antes do início da execução, embora surja um regente conforme a execução acontece.”

ANTÓNIO R. DAMÁSIO (2011)

Considerar Arte a produção expressiva de doentes mentais é um tema controverso despertando opiniões conflitantes na literatura. Neste livro este termo é usado genericamente como uma linguagem, não entrando no mérito da qualidade artística das produções.

Optamos pelo modelo de funcionamento mental proposto pelo Neurocientista António R. Damásio no livro *E o cérebro criou o homem* (2011). O levar em conta emoções, subjetividade e o self num modelo global nos permitiu compreender melhor o que observamos na clínica numa aproximação qualitativa. Com isto não deixamos de reconhecer a complexidade e o muito que existe para elucidar sobre o funcionamento mental, e quão provisórios são os nossos conhecimentos. Também a importância dos locais específicos do cérebro que coordenam e interferem nos estados afetivos (Kandel e cols. 2013).

A literatura é confusa sobre o emprego da palavra emoção. Numa revisão recente, Ledoux e Damásio (2013) tentam esclarecê-la. Para eles, a palavra emoção seria usada para as respostas fisiológicas (automáticas) diante de alguns estímulos. Por exemplo,

quando em perigo, os músculos das pessoas ficam tensos, o coração dispara e esta pode se sentir ameaçada. Neste trabalho também a designamos emoção fundamental. O termo pode ser usado, por outro lado, para experiências mais conscientes chamadas sentimentos, como compaixão, tristeza, medo e raiva, acompanhados ou não pelas respostas corporais. Como é difícil distinguir na prática estes dois estados, preferimos usar o termo emoção de forma genérica, pontuando quando as manifestações são mais inconscientes (automáticas), ou mais conscientes, mais deliberativas. Neste caso, processos cognitivos como raciocínio e imaginações estão presentes.

Apesar de enfatizarmos nesta obra a relação médico-paciente em psiquiatria, achamos que as mesmas considerações se estendem às outras especialidades médicas, ao relacionamento psicoterapeuta-cliente, bem como àquele existente em outras áreas da saúde, como o que ocorre em Enfermagem, Fisioterapia, Laborterapia, Assistência Social, etc.

Também pacientes e seus familiares poderão pela leitura ter uma compreensão do sofrimento que acompanha as doenças.

## INTRODUÇÃO

**A**s doenças mentais são geralmente crônicas e as frequentes interrupções dos tratamentos na prática clínica acarretam recidivas e agravamento dos quadros. A importância da qualidade da relação médico-paciente parece ser um importante fator para que isto não ocorra.

O tratamento psiquiátrico, semelhante ao que ocorre em outras especialidades médicas, inclui a coleta de sintomas com os quais diagnósticos são formados e o melhor tratamento, inclusive medicamentoso, é escolhido. A característica particular da Psiquiatria é que isto depende fundamentalmente dos relatos dos pacientes; não existem ainda marcadores biológicos que identifiquem os diagnósticos. Na procura da objetividade e reprodutibilidade na detecção dos sintomas e feitura dos diagnósticos, o que, aliás, é fundamental, o profissional frequentemente se despe ou procura se despir de suas emoções. Com isto, ele pensa que dados mais próximos da realidade (científicos) podem ser obtidos. Um exemplo desta aproximação foi o de Cade, famoso por ter introduzido o lítio nos tratamentos psiquiátricos. Ele era considerado um profissional exemplar entre os amigos, familiares, residentes e alunos com os quais era uma pessoa afável, brincalhona, muito afetiva. Com os pacientes ele mantinha uma postura distante, fria, pois acreditava que com isto aumentaria sua habilidade científica, ficando mais apto no fazer diagnósticos e estabelecer tratamentos.

Portanto, a visão que o paciente tinha do que estava ocorrendo e a subjetividade que acompanhava as manifestações não eram geralmente levadas em conta. É neces-

sário lembrar que a “vontade própria” do paciente, sua motivação para iniciar e prosseguir o tratamento, é fundamental. Para que isto ocorra, emoções e sentimentos que acompanham ou não a relação clínica precisam ser considerados. Ou seja, um contato franco, emocionado, que considera os sentimentos tanto do paciente quanto do médico parece ser importante. Conselhos e aproximações racionais não são usualmente suficientes. O relacionamento necessita ser humano, “vivo”, entre as duas subjetividades, duas individualidades que se encontram a procura de clareza para o que está ocorrendo, de caminhos e soluções, com o intuito de reavivar o desenvolvimento mental de um deles que pelo sofrimento está total ou parcialmente interrompido. A criatividade na vida precisa ser retomada.

Já com animais de laboratório, a motivação é fundamental para a execução de determinadas tarefas. Ratos saciados colocados num labirinto, obedecendo aos seus instintos, apenas exploram o ambiente, não se interessando por encontrar um caminho que os levem a procurar alimentos ali depositados. Ratos privados de comida, portanto com emoções (motivações) ligadas a sua sobrevivência, rapidamente descobrem os alimentos.

Sabemos do perigo das antropomorfizações, do levar em conta dados de uma espécie para outra; eu acrescento de uma situação ou cultura para outra. A importância das emoções, da afetividade, da motivação no aprendizado, como amplamente discutido por Vygotsky e no nosso meio por Almeida, indica que o mesmo ocorre nos seres humanos.

Em algumas patologias humanas, como nas depressões graves, as emoções (motivações), os afetos estão embotados. Paradoxalmente, o tratamento com antidepressivos, mesmo aliviando a sintomatologia, o sofrimento, pode ocasionar uma anestesia afetiva, uma diminuição das emoções, portanto das motivações não só para o tratamento, mas para a vida como um todo. Lembramo-nos de um paciente tratado com antidepressivo num quadro de depressão grave que relatou estar bem melhor. No contato com ele notamos um distanciamento de suas emoções, de sua subjetividade. Fiquei surpreso quando o paciente insistiu que estava tão bem que nem ligou para o fato de sua empresa ter falido. No caso, a melhora aparente da sintomatologia acabou levando a uma indiferença afetiva, à desmotivação para outros aspectos da vida.

Para tentar pesquisar este assunto em situações clínicas e de psicoterapia é necessário uma melhor compreensão do funcionamento mental, de como a subjetividade influencia, facilita ou dificulta os tratamentos.

Na procura de um conhecimento mais humano e abrangente das patologias mentais, da psicopatologia, levamos em conta as ideias do neurologista e pesquisador An-

tônio R. Damásio sobre o funcionamento mental, apresentado no seu livro *E o cérebro criou o homem* (2011). Este enfoque considera emoções, sentimentos, subjetividade e a influência da consciência e do *self* entre outros parâmetros. No nosso trabalho, estes dados são considerados dentro de uma aproximação qualitativa e vêm da produção artística de alguns pacientes, realizada concomitantemente aos tratamentos.

Concordamos com esse autor e estendemos à situação clínica alguns de seus conceitos, como:

[...] no esforço para entender o comportamento humano, muitos tentaram passar ao largo das emoções, mas não tiveram êxito. O comportamento e a mente consciente ou não, assim como o cérebro que o gera, recusam revelar os seus segredos, a menos que a emoção (e os muitos fenômenos que se escondem sob o seu nome) seja inserida na equação e toda a sua importância reconhecida. (Damásio, 2011)

## E O CÉREBRO CRIOU A MENTE

Para a formação da mente, segundo Damásio, à semelhança do que ocorreu com a evolução das espécies, uma série de acontecimentos se sucederam até que o cérebro conseguisse constituí-la. Não que existisse na natureza uma vontade predeterminada, dirigindo toda a operação, mas sim um princípio fundamental para a manutenção da vida.

Células mais simples como uma ameba tendem a reagir procurando “fugir de estímulos que acarretam sua destruição, como uma mudança de pH, ou uma estimulação mecânica”. Também neurônios, que são células que constituem o sistema nervoso, procuram preservar a sua estrutura, sua individualidade, “lutam pela vida”; eles ao mesmo tempo se agrupam em estruturas mais complexas que procuram preservar.

O cérebro humano representa o patamar mais elevado na evolução do sistema nervoso; simultaneamente ele controla o seu próprio funcionamento e o do organismo como um todo, como também o contato com o exterior. Ao mesmo tempo ele é controlado por essas instâncias num processo dinâmico.

No sistema nervoso central (no cérebro) existem duas estações intermediárias de passagem, de coordenação dos estímulos, tanto interoceptivos (do próprio organismo)